

BANDEIRA DE ALAIRÁ; A FESTA DE XANGÔ - SÃO JOÃO E OS PROBLEMAS DO SINCRETISMO AFRO-BRASILEIRO.

Roberto Mota
Sociólogo-Antropólogo

A festa de São João não se descreve. Prova-se feito um confeito, que se derrete, com doçura, na boca da gente. Festa quer dizer cumplicidade, contágio, corrente de alegria. É ir além da razão, às razões do coração que a razão desconhece. Festa quer dizer tempo suspenso, tempo recuperado, duração concentrada num ponto só, toda energia, toda tensão, entre os dois tempos lineares, passado e futuro, que nos despedaçam, como se a cavalos selvagens nos atassem.

Por isso eu começo a falar cheio de medo do como se, por me pedirem descrever o mistério, me investissem de papel sacerdotal. E, por ser eu quem sou, um dos antropólogos profissionais em Xangô nesta cidade, pedem-me referências ao sincretismo. O que se passa na seita africana do Recife e por que se passa.

Pedem ainda — sem saberem — que eu fale do meu santo, que é o próprio Xangô, apesar da minha aparência calma, dos modos pacientes, sutis, delicados, compreensivos que mais lembram, aos que vendo a "persona" esquecem o mundo vulcânico que carregamos, os filhos de Iemanjá e Orixalá. Pedem que eu fale de mim mesmo. Mas este me parece que é o sentido mais profundo, mais verdadeiro, de qualquer exercício antropológico. Se a antropologia é a ciência do homem, homem, para mim, sou eu o mais próximo.

Feito o Espírito de Hegel, que se objetiva no mundo para voltar a si como sujeito para si, eu — antropólogo — projeto-me no Xangô para reencontrar-me, recuperar-me nele. Esta psicoanálise sai barata. Tão generoso o povo do Recife — e para mim povo do Recife e gente do Xangô são a mesma coisa — que nem me cobram para que, sendo um deles, seja eu.

Disso me falou Gilberto Freyre, de quem descendemos todos neste modo de perceber Pernambuco e o Brasil. *Casa-Grande & Senzala* é sobretudo um ensaio autobiográfico. Não se trata só de comunicação pessoal. Ele declara, no prefácio à segunda edição, ter seguido método "em alguns pontos introspectivo, à maneira de certos estudos espanhóis, em que se sente uma como que extensão da técnica de análise mística aos esforços de interpretação do passado e da vida nacional. A concentração dos Exercícios Espirituais aplicada aos fatos mais íntimos da história até sentir-se a vida vivida por nossos antepassados no seu contorno, por assim dizer, sensual".^{3:53} O antropólogo é um com o seu tema, funde-se com ele. A antropologia se torna rito e crença e estamos defronte do super-Durkheim, que talvez não imaginasse que a refeição moral em que me alimento do social sob as espécies da festa compreendesse a Antropologia, ela própria, no caso de Gilberto Freyre, festa.

Passei os dois últimos dias de São João, em 1974 e 1975, no Sítio da Estrada Velha de Água Fria, Vaticano da seita africana do Recife, refúgio e abrigo de todas as nossas tradições. Nas duas vezes fugido de outras festas e de outras companhias, que me pareciam então menos importantes do que o banquete, os divinos momentos de orgia e perda que o Sítio me reserva.

Em 1974, estava lá meu amigo e pai-de-santo Manoel Nascimento da Costa, meu mestre em coisas do Recife e nos ensinamentos do santo. Era doce. Estar ali, na capela, com ele, com Tamira, com Lindamira também de Xangô dormindo o seu soninho sossegado, gozando daquela intimidade dos amigos, mas também daquela intimidade pública, do cair de máscaras que nos vem da verdade da noite que celebramos, da expectativa da precisão da bandeira que breve chega, da tensão suave à espera do acontecer suave, do ir-e-vir discreto das tias, de Vicência e Amara.

Conversamos a respeito de detalhes dos rituais de iniciação, das comidas que se dão aos santos, da ortodoxia das nações. Eu sou o discípulo todo atento aos pés do mestre. Tudo que tenho de preparo intelectual, de erudição; de graus universitários não me dá títulos na mansão dos santos, por mais moradas que possua. Não se trata de saber abstrato, mas do concreto desta vida recifense, e ali estou para sorvê-la, para me banhar, mergulhar neste oceano de povo, dança e festa, que vai impregnar minha existência, como se me revestisse de não sei que aura que me permite comungar, ser ele alimento e eu também no banquete comunal, com o povo do Recife que é minha gente e minha raça.

Confessarei? No que estou sendo da mais gritante sinceridade, estou também — ai de mim, mas que fazer? em ciência social tudo acaba em Durkheim — seguindo, dentro da regra metodológica que nos ensina o caráter coercitivo do fato social, uma tendência a que nenhum antropólogo contemporâneo pode resistir, especialmente os mais versados nas últimas e penúltimas novidades de Paris.

E a respeito da festa, como deixar de confessar minha dívida em relação ao meu amigo, o Professor Jean Duvignaud, autor desse *Fêtes e Civilisations*, que tive a sorte de ler nos começos do meu trabalho de campo no

Recife e que em seguida tanto o influenciou? Duvignaud conhece o segredo das máscaras com que nos defendemos da morte roedora das sociedades e culturas.

"As sociedades, todas as sociedades, tentam, dir-se-ja, completar o que tem este mundo de incompleto. É preciso reconhecer que as especulações imaginárias (sobre a morte ou o amor, o trabalho ou o alimento) não estão separadas da própria realidade, de que fazem parte como prolongamentos. Completamos o que tem a natureza de limitado e racionalizado, a lei de razão que impõe, pois consome mais do que conserva em vida".^{2:50}

Recorro ainda a outro francês, Michel Leiris, que diz, referindo-se ao "vandou" do Haiti, mas que também se aplica a nós:

"Quanto a um de seus aspectos mais fascinantes, espécie de teatro vivido que constituem as crises de possessão durante as quais os santos se incarnam — cada um com as suas particularidades de gestos e linguagem — nos pais e mães-de-santo e nos fiéis, encontramos equivalentes em muitas outras regiões do mundo e isso marca a importância dessa instituição. Ser um outro além de si, superar-se, no entusiasmo ou no transe, não será uma das necessidades fundamentais dos homens e não se deverá creditar a tantas sociedades, nada ou pouco industrializadas, terem se dotado dos meios de responder, do modo mais direto e mais corporal se se pode dizer, a essa necessidade, que não poderia ser satisfeita por nenhuma organização social centrada na produção pura e, por isso, mais ou menos fechada ao irracional".^{4:9-10}

Aí está a tragédia do Recife. Não estamos bem num ou noutro mundo. Aranha das teias do arco-íris, pai do sonho, o Xangô corrige nossa consciência de desenvolvimento e de racionalidade, de qualquer modo traída pelos mil e um atos falhos da ineficiência da vida cotidiana da cidade. Agora toda a ambigüidade que provém da má-fé, do estar entre dois mundos fingindo ignorar um deles, produz efeitos de dor e irritação, nos serviços que não funcionam, na esperteza dos poderosos do mundo das aparências racionais, que, para a promoção do seu privatismo, repugnanté e abusivo, exploram, tocando ao mesmo tempo em duas claves, modos de pensar, de resignar-se, de chorar sem esperança mas com a doçura desta festa, que caracterizam nosso povo.

Se não tenho, feito erudito, títulos às moradas da mansão dos santos, não me consideram companhia de todo desprezível. Manoel se interessa por detalhes etnográficos, que ele assimila à textura de sua própria vida. Ketu, a nação do Ketu, a ortodoxia baiana, é uma cidade da terra dos nagô, dos iorubá. Meu amigo sorri. A parte não pode ser maior do que o todo. Se Ketu faz parte do país Nagô, a sua nação, o mais puro dos Nagô, pois é do neto de pai Adão de quem se trata, não pode perder para os baianos em ortodoxia. (Meu amigo si raramente menciona seus títulos de príncipe — neto também de Lídia de Orixalá — na nação Xambá, que se passam para o Recife na grande perseguição movida em Alagoas, cinqüenta anos faz, ao povo do candomblé, suspeito de ligações com um partido político derrotado.)

Por definição direto, carente da reflexão racional do dogma que carac-

teriza as igrejas cristãs, o Candomblé busca sua teologia nos estudos antropológicos. Nós somos os doutores da igreja, categoria que no catolicismo traz problemas, que leva a excomunhões e a complicações, mas que só na teoria ritual se confunde com a igreja docente ou hierárquica, que define, mas não elabora, símbolos e confissões de fé.

Em 1975 eu fui outra vez ao Sítio. Não encontrei Manoel, cujos deveres ministeriais implicam muitos deslocamentos e viagens, por todos os bairros de Recife e Olinda, João Pessoa, Natal, Campina Grande e Maceió. É o senhor Malaquias da Costa, tio de Manoel, que se encontra à frente da festa. Vou só e fico só, quase não me comunico. Mas me sinto, de qualquer modo, cúmplice.

Ora, tudo é um transe só, não se duvide. O fenômeno tem graus, mas já tomar parte na dança, ou cantar, ou olhar durante horas, representa mais do que o primeiro passo, o único que custa. Reconstruo, gero, imagem e semelhança da eterna geração do Verbo, o sentido profundo das toadas. Não importa que seja o Sítio no dia de São João, ou a casa de Dona das Dores, em abril de 1975.

Passei pela obra de arte da espera, enquanto o ar foi engrossando, cheio de açúcar misturado com suor, com a família, a comunidade dos santos, na construção da festa, na tensão de doçura e de angústia com que se aguarda visita muito querida e muito importante. Atravessei o prólogo ou o frontispício de um mundo diferente, tão separado — santo — que nele só encontramos pela ascese do tempo sacrificado. Há um elemento misterioso de compensação de rotinas burguesas e a regra número um é que tempo aqui não é dinheiro. Exatamente o espírito burguês, weberiano, é o que não entra nestas casas de espíritos. O tempo é africano, se o espaço nagô ficou além do mar. E o tempo, é o ar das ruas do Recife, expulsos, é tempos, é ares, para dentro dos xangôs.

Reconstruo, em meu espírito um com o que tudo gera, o significado vivido do santo. Daí, outra vez, a importância da espera, dos mil e um pequenos ritos de integração comunitária, do anticlimax em que cada um se recolhe na tradição de todos.

Exu, Ogum, Odé, Obaluaê, será preciso conhecer a mitologia para entender o diálogo entre seu Malaquias e o coro dos dançantes? Obaluaê. Rei do mundo, Senhor, grita, se proclama, se afirma. Atotô, meu Pai, este é o espaço, o lugar, a casa de Omulu, a seus gritos responde o coro, Apolo que fere de longe, tememos seu poder.

Todos nós nos comprometemos com estas máscaras, agora mais reais do que o indivíduo de cada um de nós. Tenho a impressão que xangô responde a algumas de minhas grandes questões sociológicas. Esta gente, e eu com ela, afirma a superação da História, aqui inexistente como não há tempo.

O Rei Xangô vem pessoalmente explicar a lição. Só então chegam os demais orixás. A noite é curta e todo mundo soube esperar o bom momento. Das Dores não é a que cai primeiro mas é "prima donna absoluta" e olhe a Rainha, olhe o Rei em que se mudou. E é grande o seu cortejo de homens e mulheres e de que se apodera Alairá, conduzindo-as em seu carro

triumfal. Parece que toda a História, todas as estórias existem por causa deste momento de êxtase, como todos os movimentos se fazem pelo grande momento de repouso que os resume e suprime e sublima.

O fato, que não querem ver os progressistas radicais, é que o movimento da História possui assim muitos curtos-circuitos de sublimação, em que pára e parando já não progride porque chegou.

A música serve de apoio aos transe e como esses nagôs possuem a grande arte dos tons e dos semitons, no relato casto da melodia, seguros dos segredos, das promessas infindas de cada pequeno movimento.

Li, faz pouco, o encantador artigo de Evandro Rabello sobre o Acorda Povo, quase uma carta, como tal, exigindo a cumplicidade, a correspondência do leitor. Acorda Povo comprova certas idéias que formei, certas observações que eu próprio fiz. Descrevendo o altar de São João, na casa do sr. Artur Alves dos Santos, Evandro Rabello se refere a "Velas acesas, flores nos jarros, peças de biscoí e duas imagens do Senhor São João, colocadas nos degraus do improvisado altar, exageradamente enfeitado com papel picadinho de maços de cigarros. O lugar onde estão as imagens está forrado com papel de seda encarnado e branco, cores do santo nos terreiros de xangô. São João corresponde a Xangô. Do lado de fora da casa, presa á parede no alto, uma bonita estampa colorida de São João, com carneirinho e tudo, dois jarros com flores artificiais em baixo do quadro, à vista de todos. Portas e janelas escancaradas e gente por todos os lados".

Quero salientar, usando o texto de Evandro, certos aspectos da festa popular de São João. Seu lado católico, luso-católico e perfeitamente ortodoxo em termos teológicos. Também em termos compatíveis com o mais legítimo e ortodoxo Catolicismo é que Mário Souto Maior descreve as festas juninas, "parte dessa bagagem folclórica trazida pelo português colonizador e aqui elas se aculturaram tão gostosamente entre os indígenas, que foram usadas pelos jesuítas para trabalhos de catequese.¹⁰ Vale acrescentar que os aspectos católicos da festa encontram-se superados para os bem pensantes da igreja pós-conciliar, que de fato desenvolvem tendências bem mais antigas na história religiosa do Brasil, prendendo-se ao que Gilberto Freyre chamou a reeuropeização do Brasil, ligada à vinda da corte portuguesa para o Rio de Janeiro e que se acelera no decorrer do século XIX. D. Vital — e outros "bispos mártires" — seriam, no domínio eclesiástico, representantes dessas correntes reeuropeizadoras, por mais populistas que pareçam.

O catolicismo do povo separa-se do de certas elites afeitas a vocabulários, símbolos e formas de pensar ligadas à religião francesa posterior à Revolução e que não podia ter deixado de acomodar-se ao espírito mais racional dos novos tempos. Data também daí o renascimento do tomismo.

É então que perdemos, os brasileiros cultos das classes superiores, a matriz geradora da arte, da arquitetura barroca, que se perde na mata dos edifícios modernos, metidos a arranha-céus, ou viram museus, e centros turísticos, coisa para forasteiros, dos nativos só para distração nas noites das sextas e dos sábados, sem abalar a vida quotidiana, completando um proces-

so que seria até utópico chamar de rejeição e transferência. Trata-se do desconhecimento mas frio e indiferente que se possa imaginar.

Os monumentos estão entre nós, sem ser mais nossos. Naturalmente, preserva-se e restaura-se (quando se preserva e se restaura), do mesmo jeito que se haveria de preservar e restaurar, digo eu com exagero, monumentos de arte japonesa que nos fossem doados — imaginemos pela liberalidade de Suas Majestades, o Imperador Hirohito e a Imperatriz Hagako.

Muitos recifenses perderam a potência geradora do sincretismo. Não conseguem entender continuidade de essência entre os santos da Igreja e os santos do candomblé. Existe correspondência. Mais forte ainda, existe identidade. O verbo que tenho ouvido usar nas melhores casas que frequento é o verbo ser. — “Meu pai, todo Xangô é São João ou é só Alairá? — Não, todo Xangô, obacossô, Aganju, Alairá... — todo Xangô é São João”.

Será que se imagina simples disfarces durando através de mais de 150 anos de história dos cultos afro-brasileiros? Aplica-se aqui o que diz Durkheim da religião. “Na verdade — ele diz — é um postulado essencial da sociologia que nenhuma instituição humana pode repousar sobre o erro e sobre a mentira: Se fosse assim, ela não poderia durar. Se não estivesse fundada na natureza das coisas, ela teria encontrado nas coisas resistência de que não teria podido triunfar. Quando, portanto, abordamos o estudo das religiões primitivas, é com a certeza de que dependem do real e o exprimem. (...) Não há portanto, no fundo, religiões que sejam falsas. Todas são verdadeiras ao seu modo: todas respondem a condições determinadas da existência humana.^{1:3}

Portanto o sincretismo não pode repousar sobre o erro e sobre a mentira. Se não estivesse fundado na natureza das coisas, encontraria resistências invencíveis. Responde a condições determinadas de existência humana no Recife. Roger Bastide, nosso Bastide, ele próprio, ao referir-se no capítulo sobre “Os Problemas de Sincretismo Religioso” de *As Religiões Africanas no Brasil*, a “mascara colonial” do sincretismo, incide em erro grave, de conseqüências desastrosas ao quando assume, em *O Segredo da Macumba*, de Lapassade e Luz, conteúdo mais coerente, porque livre das hesitações desse Bastide que por seu ecletismo agradava a todas.

A idéia de sincretismo feito simples disfarce ou máscara provém de seríssimo defeito de interpretação. Ou de ignorância da questão e desconhecimento das fontes documentais da história e da sociologia brasileiras. O catolicismo, especialmente o Catolicismo ibérico, transplantado para o Brasil, não se resume a uma série de “theologuemenas” ou sentenças teológicas abstratas, acompanhadas de ritual apenas funcional, rápido, asséptico e weberianamente abstrato. A religião colonial é sobretudo concreta, desenvolvendo-se ao redor de sacramentos, devoções e festas eminentemente diretas e sensuais. O sincretismo se faz é com este Catolicismo. Entre orixás e santos que interferem do mesmo modo concreto na vida quotidiana dos devotos e que portanto possuem a mesma identidade. Os disfarces estão mais na dualidade dos nomes do que na unidade das operações e da essência.

A idéia que faço de sincretismo descende diretamente de Casa-Grande & Senzala. "Nunca deixou de haver no patriarcalismo brasileiro, ainda mais do que no português, perfeita intimidade com os santos. O menino Jesus só faltava engatinhar como os meninos da casa." 329 e 436 Gilberto também salienta que "o resíduo pagão característico trouxera de Portugal o colonizador branco no seu cristianismo lírico, festivo, de procissões alegres", da festa de São João feito as que assisti no Sítio, ou de São Gonçalo, que nos permitem entender melhor a força no Brasil dessa religião dançada que é o Candomblé.

Minha posição é afim à do meu mestre René Ribeiro, quando afirma que "as particularidades do processo de sincretismo, entre os cultos africano e católico, devem ser explicadas à luz da espécie do Cristianismo que vieram encontrar entre nós os escravos negros. Conforme já assinalou Gilberto Freyre, o Catolicismo luso-brasileiro permitia uma intimidade entre o fiel e os santos e a participação destes em todas as fases da vida doméstica e íntima da família brasileira que pouco se distanciava do papel atribuído às divindades do ritual católico, como por exemplo o uso de campainhas durante a missa coincidiam com o ritual africano na casa quando Ocalá é invocado durante os sacrifícios que lhe oferecem fazendo soar uma sineta especial". 9: 57-8

Junto de Robert Murphy, amigo, apoio firme em Nova York, autor de um livro que muito perdem os leitores de língua portuguesa por não ter sido traduzido: *The Dialectic of Social Life*, eu havia, à distância, lendo Waldemar Valente — cujo *Sincretismo Religioso Afro-Brasileiro* eu respeito quase feito bíblia, por me parecer menos o produto de um etnógrafo "tout court", do que de um etnógrafo xangozeiro, cúmplice, crente nas obrigações dos santos, sincretismo ele próprio; sempre o leio com a emoção que liga um recifense a outro cúmplices em serem recifenses. Lendo René Ribeiro, meu mestre, guru supremo de quem se bate nessa área, autor, em *Cultos Afro-Brasileiros do Recife* e em mais de 40 outros títulos, na mais rica lista de obras publicadas, graus acadêmicos, trabalhos e pesquisas que já vi em etnólogo do Brasil ou do exterior. Lendo o próprio Bastide e lendo Pierre Verger, elaborei minha teoria do sincretismo com a da simultaneidade de dois vocabulários de uma mesma língua, sintagnas diatípicas em contextos diferentes para a transmissão da mesma mensagem, dentro de princípios de geração nem mais africanos, nem europeus, mas brasileiros, nós.

Estive em Alcântara, no Maranhão, em março de 1976. Foi para mim uma arqueologia estranha, em que nada escavei mas onde encontrei toda a evidência à flor da terra. As ruínas do Brasil, de um Brasil, morto, permitindo uma dissecação quase necrófila; a contemplação amorosa do ser querido imóvel, ressuscitado na evocação de tanta vida que seus membros levantou e animou.

"Filho legítimo de", "casada que foi com" vejo túmulos e penso nas cinzas dispersas em todo o Brasil, por este oceano que nos cerca, conduziu, trouxe, levará embora.

Andei, igrejas, palácios, rua da Amargura, rua da Misericórdia. Um

grupo de pedreiros, de "bricoleurs", usa pedras antigas numa casa nova. "Tem tanta dessa pelo mato aí" me dizem. Mas pedra única, apesar das aparências? "Eu tirando uma pedra? Olé, elé, olá" "Uma pedra não faz falta. Olé seu cavalheiro". "Pedra removida, estrutura destruída"?

"Thalassa" Mar, cheguei, descobri. O pedreiro faz uso parecido com outros materiais. A religião católica, por que não: Houve também aí fuga, deserção de elites como as que abandonaram os palácios arruinados de Alcântara. Como negar ao povo o direito de utilizar, em outras construções, os materiais abandonados?

A religião, feito a praça, é do povo. O sincretismo não representa, assim sem mais, concessão de escravos a senhores ou de senhores a escravos, disfarce de negro amedrontado. Ao contrário, constitui apropriação, legítima e justa, dos bens do opressor pelo oprimido. O céu é do condor, os santos são de todos nós.

Precisarei apoiar minha argumentação com a autoridade dos etnólogos meus predecessores? Pois, para que ninguém se queixe, vou recorrer a outro francês dos mais ilustres. A Alfred Métraux, que se referia ao Haiti, mas que, com toda a certeza, não desconheciam os fatos do Brasil e que cita os nossos estudiosos. Onde, mais do que entre nós, escrevem-se o melhor sobre vozes e deuses d'África?

"Mais ainda do que a persistência dos cultos africanos — diz Métraux — o que nos impressiona é a rapidez com que os escravos, que tinham pouca possibilidade de se familiarizar com as crenças e os ritos católicos, os incorporavam à sua vida religiosa. O cuidado (religioso) com os negros era considerado abuso e figura entre os crimes atribuídos aos jesuítas por ocasião de sua expulsão em 1762".^{6:27-8}

A conclusão parecida chego também eu, feito cheguei, em Nova York e em Alcântara, antes mesmo de ler Métraux. O Xangô, o Candomblé, e com ele o sincretismo, representam, por assim dizer, um momento dialético, um mundo de contradições, entre igualitarismo e escravismo, entre pertencer à sociedade fundada e organizada pelos senhores e não pertencer, entre assimilação ao caráter predominantemente europeu, ocidental, de nossa cultura e a ativa manutenção de nossa identidade do Brasil, mulata, morena. Enunciei alguns aspectos do mundo de contradições de que o sincretismo representa não a conciliação precária, mas a síntese vivida.

Entre todos os ângulos da contradição, o menos importante me parece justamente aquele com que se tem mais preocupado etnólogos e leigos, desde o tempo do nosso patriarca Nina Rodrigues: o sincretismo puramente lógico, que funde (no Recife) Xangô e São João, Iansã e Santa Bárbara, Iemanjá e a Virgem da Conceição. Devemos aqui evitar um erro em que caem muitos pesquisadores. E este é o de julgar que os filhos-de-santos, ou mesmo os pais, e mães-de-santo possuem a necessária competência, histórica, antropológica, teológica, para fornecer a resposta cozida (e não os materiais vivos e crus, que prepararemos do acordo com nossas receitas teóricas) a questões tão delicadas.

Interroguemos padres, bispos e até arcebispos da Igreja Católica, Após-

tólica e Romana sobre pontos delicados de doutrina — as procissões por exemplo — e constataremos que o ponto forte das conferências episcopais passa muito longe da área sistematizada pela teologia. E isso, note-se, numa igreja como a Católica, cujos esforços de organização racional do dogma já no século XII constituíam, como por exemplo em São Tomás, edifício plenamente concluído.

A gente do santo do Recife vive o sincretismo com todas as suas contradições. Quanto a refletir sobre ele, do mesmo modo que se pode razoavelmente supor que na Universidade Católica de Pernambuco haja padres jesuítas melhores teólogos até do que o Santo Padre, só excepcionalmente encontraremos no Candomblé, mas muito excepcionalmente mesmo, pai-de-santo que juntem, ao seu treinamento técnico em crenças e em ritos, o grau de reflexão científica e racional exigido pela antropologia e pela própria teologia. Tenho visto, na Bahia e mesmo aqui, muito antropólogo se fazer no santo; casos inversos conto nos dedos de uma mão.

Se interrogados, muitos pais e muitas mães mudarão rápido de assunto. Não apenas por medo de falar nos santos fora de hora, o que não se faz, nem se cantarola por aí, nem se deve assoviar, aproveito o momento para esta informação inédita, em caso de candomblé, para não afastar Ossanha. Eu próprio, neste trabalho, foi com relutância que cedi ao desejo de mencionar palavras rituais, principalmente dignas do Xangô.

Nomes gritados entre esboços de danças, quando o júbilo domina todos os presentes. Reuniões íntimas, as mais sublimes, portas fechadas, longe do desrespeito de olhos e ouvidos estrangeiros. Aí a gente vibra na afirmação da sua identidade sem máscaras, segredo manifestado entre outros segredos, brilhando na noite, diamante nunca exposto à luz do dia.

Não só pelo receio de profanar as coisas santas. Mas também — de modo mais prosaico — porque entrevêm confusamente que explicar as razões do sincretismo constitui tarefa para Émile Durkheim e seus colegas. E é a *Les Formes Elementaires de la Vie Religieuse* que neste momento eu recorro.

“É com o sentido da unidade tribal — entenda-se societal ou mesmo nacional — que desperta o sentido da unidade substancial do mundo”, diz Durkheim, levando portanto à “noção de um maná único e universal”^{1:121}

A isso eu acrescento que é exatamente a idéia de uma sociedade brasileira ou recifense apesar de tudo única, que não se pode porém ignorar ser imperfeita nessa unicidade, por causa do truncamento das classes e das posições sócio-econômicas, que explica fundamentalmente o sincretismo feito síntese.

Prossegue Durkheim: “Exatamente aqueles que mais claramente a pensam — a idéia do maná ou força, ao mesmo tempo a representam como um poder abstrato, que só se pode definir pela natureza dos seus efeitos e tão imperfeitamente que dela o crente só pode ter uma noção muito indecisa. É, aliás, essa indecisão que possibilitou esses sincretismos e desdobramentos no decorrer dos quais os deuses se fragmentaram, desmembraram, confundiram-se de todas as maneiras”^{1:286-7}

Xangô e São João são um, porque seus atributos, seus efeitos são os mesmos. Trata-se, nos dois casos, do senhor do fogo, do trovão. Basta ler Frobenis, Ellis, Parrindor, sobretudo, se tivermos essa sorte, ouvir história de Xangô contada pelos grandes da seita africana. Ler, de outro lado, **Folclore Pernambucano**, de Pereira da Costa, **São João do Nordeste**, de Mauro Mota. Sem omitir, mas de jeito nenhum, Nina Rodrigues, Artur Ramos, René Ribeiro.

Temo estar citando demais para dizer pouco. Mas não hesito, no que se refere às quatro festas do ano, em chamar ainda a atenção do leitor para **O Carnaval como um rito de Passagem**.^{7:121} São João se festeja com fogueira, porque seu dia a Igreja marcou para coincidir com o solstício do verão no hemisfério norte, do inverno entre nós. Neste litoral de Pernambuco, o dia do santo marca que a pior metade das chuvas, que duram aproximadamente de um equinócio a outro (clima AS' de Keppon), passou com o solstício. (Mas Oxum às vezes, vingasse de Xangô). De qualquer modo, trata-se da história do Sol que ou atinge o auge ou, depois de tanto diminuir, retoma seus direitos.

"No alto, para o sol, armou uma tenda

"E este, feito um noivo saindo do seu pavilhão

"Alegre-se, valente, de começar a carreira".

(Salmo 19, fs 5-6)

Inúmeras toadas de Xangô se traduzem nesse trechinho de Bíblia, contruído à base do simbolismo dos grandes paganismos do antigo Oriente. Tonitruante Xangô de muitas noivas, que joga o corisco poderosamente, do Xangô de fogo, arfete, comedor de cordeirinhos, São João do carneirinho, Xangô São João!

É para salvar o princípio fundamental de toda a lógica, o princípio de identidade, que surge o sincretismo. Impossível pensar — dispensamos aqui toda uma digressão a respeito do princípio de causalidade — efeitos idênticos com causas diferentes. Não repetirei o trecho do Durkheim já citado.

Depois, a alma é naturalmente pagã, naturalmente sincrética, até dentro do catolicismo. Por séculos se acreditou em Santa Bárbara, São Jorge, que hoje se decidiu nunca terem existido. São João, este é bíblico mas no catolicismo popular, e não só no brasileiro, toda uma mitologia extrabíblica se atribui ao precursor. Pereira da Costa, Mauro Mota, Evandro Rabello transcrevem coleções de quadrinhas em que se cristalizam os mitos populares. Do último, no **Acorda Povo** que já mencionei, transcrevo o que se segue:

"São João foi tomar banho

"Com vinte e cinco donzelas

"As donzelas caíram náguas

"São João caiu com elas".

Grande é o São João dos recifenses, paganizo eu. Não importa que não seja o das Sagradas Letras. Não vamos fazer aqui feito o diácono da Igreja Presbiteriana, que repreendia meu pai por transcrever, em **São João do Nor-**

deste, a lenda da fogueira acesa por Santa Isabel para Maria saber do nascimento do Batista. A estória, insistia o bom diácono muito grave, não está na Bíblia.

Nem lá está que São João, feito fálico Xangô caísse nágua com vinte-e-cinco donzelas que dali não mais saíram. É a lógica do povo. E não só do povo, diga-se de passagem. O fogo, o corisco do Xangô — São João nos ameaçam, se nos fecharmos a essas formas vividas de pensar e agir, a essa lógica de concreto exigindo seu lado das abstrações que também nos despeçam.

É hora de completar o círculo. Estou no Sítio, outra vez, em 1974, sentado na capela, com meu amigo Manoel, Tamira sua esposa, Lindamira está no berço, com as contas de Xangô que usa desde o nascimento. Percebo o ir-e-vir das tias, mãe Vicência, filha de lemanjá mãe de Xangô, mãe do Sítio; Amara doutora em folhas, gente de outras casas, pai Raminho, que acorrem à matriz de quase todos.

Este ano não vai haver toque para os orixás. Os ritos serão apenas os de origem ibérica. É muito católica, a gente da Seita. No Sítio — era justamente onde eu estava — existe uma capela perfeitamente ortodoxa, no estilo e nas imagens. Ah! como meus amigos haveriam de gostar se a Autoridade Arquidiocesana resolvesse dividir a paróquia de Água Fria em duas e fizesse da capela do Sítio, dedicada a Santana e a Nossa Senhora da Conceição, o centro de uma nova unidade pastoril católica, apostólica e romana. Se acreditarmos em Métraux, o que diz parece válido não só para o Haiti, mas, sob outros aspectos, também para o Brasil, o sincretismo teria tido, na falta de clero católico, na falta de religião de proprietários rurais e de burguesões dos sobrados urbanos convertidos, com pressa mais do que suspeita, ao laicismo da ilustração, Voltaire, Didot, maçônicos contra todas as expectativas senão a sua causa eficiente (por defeito, se possível fosse) pelo menos condição cuja ausência teria levado nossa história religiosa a rumos muito outros.

“Depois desta cerimônia (o batismo), o senhor se considerava quite com Deus e com o Rei. Nenhuma instrução religiosa era dada aos escravos. Poucos senhores admitiam religiosos em suas terras, uns por medo de ver sua crueldade e seus costumes dissolutos denunciados do alto do púlpito, outros por desconfiança mais ou menos consciente do espírito revolucionário contido nos princípios evangélicos”. Isto, interrompa-se aqui Métraux, sobretudo no Haiti, onde o “vandou” é mais antigo do que o nosso Candomblé; este fenômeno exclusivamente urbano, aquele tanto rural quanto urbano; vai aí toda a diferença entre o domínio francês no Haiti e a colonização portuguesa no Brasil. A esse propósito, vale muito a pena reler **Casa Grande & Senzala**.

Métraux conclui, e agora o seguimos para o Brasil sem a menor ressalva, dizendo: “Parece que onde faltavam padres, certos negros tomavam a si o direito de pregar ou catequizar os outros e assim — segundo um depoimento do século XVIII, “as verdades e os dogmas da religião eram alterados”. Pegamos ao vivo os começos da mistura (do sincretismo)”. 6: 28

Surpreendemos a Matriz viva, geradora da religião do povo, na festa de São João do Sítio. Como a surpreendemos nos meses-de-maio da casa de seu Rui e de seu Pedro, na Avenida Mário Melo, em Cajueiro, ou no Pátio do Terço de onde, asseguram os grandes e antigos de dentro da Seita, o culto do Xangô se dispersou pelo Recife, invadindo primeiro a área que ainda hoje constitui sua grande reserva humana e cultural, a do vale do rio Beberibe, da Avenida Norte a Passarinho. Sobre ⁵ este assunto, conforme João Hélio Mendonça, **O crescimento e localização dos Terreiros e Centros de Xangô e de Umbanda no Grande Recife: Uma interpretação Sociológica.**

Lá, no bairro de São José, Badia, a recifense mais recifense que conheço, organiza todos os anos a festa de São Bartolomeu, o mês-de-maio, a novena de Santo Antônio, a procissão do Senhor São João, e — naturalmente — entre a alegria e o convívio dos que, feito eu, honram-se com sua amizade e cumpre seus votos e obrigações em relação aos orixás hoje em dia brasileiros.

Já falei na capela do Sítio, onde já disse missa sacerdote validamente ordenado. Um "padre brasileiro", isto é da igreja cismática fundada pelo bispo de Maura, que, explicaram-me, "não tem preconceito". Quem não tem cão, caça com gato. E onde também se celebram mês-de-maio, novenas, rezam-se terços.

A procissão chega às onze e meia, cantando *Queremos Deus*. No meio de grande alegria, brados, fogos, a bandeira do Senhor São João é içada ao alto do grande mastro do pátio de entrada. O povo prossegue cantando hinos que não poderiam ser mais pré-conciliares, em tudo diferentes dos da liturgia que ataca nossos ouvidos nas igrejas do Recife, a pretexto de reencontro das raízes populares de nossa música sagrada. A imagem do santo entra na capela junto do altar. Reza-se a Ladaíinha de São João, com certeza proveniente de algum devocionário hoje em desuso. Até 1960 se rezava, no Seminário Maior Arquidiocesano da Paraíba, modelo, de outras casas de formação sacerdotal, pelas linhas abertas da sua teologia, pela competência do reitor, Pe. Luiz Fernandes, hoje bispo em Vitória do Espírito Santo, do diretor espiritual, Pe. Fernando Abbaih — a quem sempre haverei de admirar — e por muitas outras vantagens de pedagogia eclesiástica, toda terça-feira, a ladaíinha de Santo Antônio, "terror dos demônios", "martelo dos hereses", e não só casador das raparigas. Tudo o que presenciei no Sítio, em honra de São João, era tão ortodoxo como o que acontecia às terças, em João Pessoa, com uma diferença: os seminaristas da Paraíba, ainda em 1960, antes do Concílio, pleitearam e conseguiram a abolição da ladaíinha, em desacordo com os novos temas de sua piedade, evidentemente católica. Os devotos do Sítio mostram-se, neste exemplo que vivi, não só também evidentemente católicos, mas ultracatólicos, herdeiros de todas as tradições, de todos os costumes.

Onde estou? Em que lugar? Que tempo? Porque me dá vontade de chorar? Poucas lágrimas se estragam neste mundo, pois quase sempre choramos por nós mesmos. Foi de mim que me lembrei. Do meu Recife, não

desta cidade áspera e estranha que fizeram no lugar da minha, em que eu conhecia todas as pedras de brilhantes para meu bem ir passear. Não este Recife monetarizado, mercenário, velhaco, mas o antigo em que todos se conheciam e se adivinhavam.

Estou tão dentro de Pernambuco e do Brasil; tão, tão integrado entre a gente do meu sangue — ó sangue, ó vermelho da bandeira de Alairá! —, da minha vida. Era uma festa de São João, na rua Santos Dumont, há muito tempo, quando não passavam carros. Fogos se acendendo em espiral na ponta do cabo do meu cavaleiro de pau; é bonito e não faz mal.

Percepção indescritível, sentimento exato da atmosfera, do ambiente recapturado. Rir e chorar se equivalem. O tempo parou, é este momento que se faz idêntico a outros, a duração contada de Xangô, vermelhas e brancas de Orixalá, feita cristal.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- 1 — DURKHEIM, Émile. *Les formes élémentaires de la vie religieuse*. Paris, Alcan, 1925.
- 2 — DUVIGNAUD, Jean. *Fêtes et civilisations*. Genebra, 1973.
- 3 — FREYRE, Gilberto. *Casa Grande & Senzala*. 5. ed. Rio de Janeiro, J. Olympio, 1946.
- 4 — LEIRIS, Michel. Prefácio In: METRAUX, Alfred. *Le vandou haitien*. Paris, Gallimard, 1958.
- 5 — MENDONÇA, João Hélio. O crescimento e a localização dos terreiros e centros de xangô e de umbanda no Grande - Recife: uma interpretação sociológica. *Ciência & Trópico*, Recife, IJNPS, 3(1) Jan./jun. 1975.
- 6 — MÉTRAUX, Alfred. *Le vandou haitien*. Paris, Gallimard, 1958.
- 7 — MOTA, Roberto. O carnaval como um rito de passagem. In: — *Ensaio de antropologia estrutural*. Petrópolis, Vozes, 1973.
- 8 — RABELLO, Evandro. *Acorda povo*. Recife, Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais. Centro de Estudos Folclóricos, 1976.
- 9 — RIBEIRO, René. *Cultos afro-brasileiros do Recife*. Recife, Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, 1952.
- 10 — SOUTO MAIOR, Mário. *Aspectos particulares do devocionário dos santos juninos*. Recife Empetur, 1976. Mimeogr.

